

A magnífica obra de P. Descarte

Prof. Dr. Quinto Arcádio

Quando recebi o telegrama oficial com o pedido da então Secretaria de Cultura, devo admitir, fiquei deveras surpreso. Minha reação primeira, aquela que se nos vem direto do peito, foi negar. Quase cheguei a rasgá-lo, crendo-o fruto da maior alucinação que o poder pode levar a esses recém-formados governos. Um copo de um bom maltado e algumas páginas de Quixote me levaram, contudo, a pensamentos mais brandos. Resolvi por aceitar a organização de uma edição crítica da obra de P. Descarte, não pelo pagamento que me propunham – minha esposa, contudo, animou-se com o cheque recebido dias mais tarde – mas por motivos ainda difíceis de pronunciar na fonética emaranhada de minha psicologia.

Se até o momento o leitor ainda não entendeu a peculiaridade que foi aceitar, editar e publicar a obra crítica de Descarte, não se preocupe, só um pequeno grupo de literatura oitocentista da Faculdade de Belas Artes de Lucena poderia tê-lo feito, já que são os únicos a terem, de fato, tido contato com a primeira versão do livro e com a história que envolve sua divulgação ao público. Conto-a um tanto quanto de trás para frente, não por barroquismo, mas pela vontade de melhor reproduzir a dimensão dos fatos.

Como todos sabem, o nosso falecido ex-ministro da cultura Gregório Mandales foi um dedicado professor e reitor da Universidade de Lucena, além de renomado escritor de obras como *Conciábulo das dúvidas*, sobre a epistemologia complexa de Azevedo Espada, nosso maior vanguardista, e *Até quando esperaremos Godot?*, agraciado com o prêmio Ourives de melhor livro da década. Estando ainda na posição de ocupante nº 7 da Real Academia de Arte de Lucena, a autoridade e respeito de Mandales no campo da literatura eram insuperáveis. Eu mesmo, hoje confesso, ainda que nos simpósios de literatura tenha criticado severamente muitas de suas obras, era um admirador de seu eruditismo empolado.

Foi em ocasião da comemoração do centenário da Real Academia que vemos a primeira aparição pública da obra de P. Descarte. O então ministro organizou uma coletânea de ensaios intitulada *Sem anos de solidão: a literatura em Lucena*, contendo análises brilhantes sobre os escritores que fizeram a história cultural da cidade.

No capítulo “Adentrando o labirinto sem o fio de Ariadne” do livro para o centenário de nossa literatura, Mandales revela seu profundo estudo sobre a estrutura incomum, o conteúdo hermético e as referências obscuras de P. Descarte, abrindo seus comentários com a justificativa do incomum nome: “O visionário poeta”, diz ele, “é de família francesa, descendente direto do próprio

cogito ergo sum, o que vemos refletido magistralmente em sua obra. A brevíssima presença da coroa franca em nosso território rendeu, como vemos, frutos dos melhores.”.

Mandales passa, então, a pautar suas análises pela lógica do pensamento cartesiano, criando uma leitura metódica sobre poemas como “Quinta ode”, destacando o terceiro verso, “Teus olhos de (impreciso)”, e o último, “Quando? Verificar”, como provas claras da dúvida ontológica do ser plasmada na impossibilidade de descrição dos olhos e na angústia do eu-lírico na busca de seu tempo perdido – refletido, obviamente, pelo pronome interrogativo. O infinitivo que encerra o poema seria o pilar da ética humanista do autor, que, ao não deixar-se abater pelo pessimismo, tem como imperativo a busca por suas próprias verdades, mesmo que elas venham do próprio ser.

Quando tive tempo – devereis saber que, nós, acadêmicos, andamos escassos dessa moeda – para deleitar-me com *Sem anos de solidão*, já há muito havia passado de sua data de publicação e a novidade já se havia enraizado na cultura geral. Mesmo eu, que até então não havia compreendido o quadro completo, estava intrigado com o suposto autor que, nas palavras de Mandales, era “o precursor de toda a literatura moderna”.

No interior, uma família afirmava ser descendente direta do autor, revelando que o sobrenome fora retirado por perseguição dos militares posteriormente. Mantinham, ainda, algumas cartas assinadas por “P.D.” a familiares na França e um antigo caderno de anotações sobre botânica e zoologia pertencentes a ele. A família, ainda hoje, não cobra pela visita ao antigo lar de Descarte, hoje no decadente bairro de Vila Áurea, em Duque Alteiro, aceitando, porém, contribuições para manter a memória do espaço. O caderno de anotações e as cartas foram adquiridos pela Real Academia e hoje só se encontram disponíveis para consulta por grupos autorizados.

As editoras buscaram de todas as formas uma maneira de publicar o texto na íntegra, queriam uma edição capa dura, com biografia do autor e um prefácio escrito pelo próprio ministro. Na Faculdade de Belas Artes de Lucena já chegavam, no fim do semestre, os primeiros projetos sobre o autor, entre os quais se destaca “Descarte após a leitura: a poética da imprecisão e a imprecisão enquanto forma poética” aprovada com louvor pela banca de examinadores.

Minha leitura, ávida pela novidade, percorreu com assombro o capítulo do livro destinado ao artigo do ministro. A causa disso requer certo prelúdio: Pouco antes dessa publicação, meu grupo de literatura oitocentista – no qual, hoje em dia, só Teófilo Tavares continua na ativa – havia descoberto o manuscrito original do livro *Ode a daminha e outros cantos*, de Leontino Augusto, um opúsculo do lirismo aristocrático da ilha. Mandales mantinha, à época, como uma de suas muitas atribuições, a de avaliador dos grupos sustentados pela faculdade e, dessa forma, teve contato com nosso material, incluindo uma versão já datilografada do manuscrito antes mencionado. De olhos atentos para

o incomum, como lhe é de costume, atraiu-se justamente por um anexo não registrado no fim do documento, do qual retirou integralmente seu material para a análise da obra de P. Descarte.

Não, caros leitores, não é esse um texto de denúncia sobre a apropriação do material no qual trabalhávamos eu e meu grupo. Como membro do corpo acadêmico da Universidade, nunca vi nenhum problema em compartilhar nossos achados – até porque, sendo um pesquisador ligado ao campo da Ecdótica, não era parte de nossos objetivos produzir interpretações sobre tais textos, trabalho feito com maestria pelo ministro. Esse caso segue outra direção, que aponta diretamente para o autor-tema dessa anedota, P. Descarte.

Toda a obra do inovador poeta não passa de um processo de edição do meu grupo de pesquisa. Me explico: P. Descarte, em ridícula e inverossímil confusão, era tão somente a anotação do destino que tais rascunhos teriam ao fim do trabalho, que por engano foram anexados ao material final. Imaginem, assim, minha surpresa ao descobrir que minha anotação sobre a caligrafia de Leontino Augusto – “Curvas dificultam o reconhecimento” – acabasse como subtítulo para uma análise da geometria na obra do autor.

De imediato procurei o ministro para trazer fim àquela situação, explicando o terrívelíssimo mal entendido que havia se formado. Na sala, além de Mandales, se encontrava Luz Andrade e Heitor Fernão, dos setores de literatura ibérica e medieval, respectivamente. Minha explicação – assumo que, na exaltação em que me encontrava, a culpa em parte foi minha – levantou imediatos risos e minhas insistências só alcançaram certa antipatia dos demais, que criam ser, as explicações, apenas uma tosca vingança pela apropriação do material. “Seu nome está nos agradecimentos, o que mais você quer?” recebi.

De lá pra cá, assisti com sentimentos confusos a ascensão do “magnífico P. Descarte” como a mídia o chamava. A primeira edição de sua obra esgotou com tanta rapidez que não tardou em que se fizesse uma segunda, de capa dura com anexo das cartas e entrevista à família – além de uma edição de bolso e a versão do estudante, distribuída nas escolas de Lucena e adjacências. Pude observar, ainda, que na terceira edição, homenagem à morte do querido ministro, foi adicionado um capítulo extra com poemas não publicados, em sua maior parte, transcrições diretas dos recados internos do grupo. Destaco os comentários do crítico Eurípedes Ponte Grande a “Comunico o fechamento do centro” e “Ao sair, favor apagar as luzes”:

Ao deslocar o cotidiano experimentado em sua dimensão-autor à reflexão transcendental do eu-livro, Descarte nos leva ao profundo do homem em suas relações políticas, sociais e filosóficas. Precursor da postura derridiana, Descarte se coloca como o porta-voz sem voz da descentralização, atitude radical contra a metafísica ocidental. Vai além, dialoga com a tradição iluminista no genial verso-livre de uma simplicidade e poder de síntese incomparáveis:

‘ao sair’ – O autor não se preocupa em desbancar o pensamento que lhe precede, não ordena a retirada, antes se despreocupa com a presença, lhe é indiferente;

‘favor apagar as luzes’ – Com saída da tradição, o século das luzes também se desfaz e na escuridão as formas se redescobrem, uma tentativa de “verificar” esse “Quando?” que Descarte sempre procurou.

A morte de Mandales transferiu para mim a autoridade nos textos de P. Descarte, graças a seus agradecimentos na obra. Há alguns dias recebi um abraço de um jovem de não mais de vinte anos – Obrigado por ressuscitar o nome da minha família – me disse emocionado Henri Descarte. Soube, ainda, da troca do nome do prédio da faculdade para Prédio Pierre Descarte. Sempre pensei que seria Paul.

Termino meu chá contemplando as primeiras páginas da introdução à edição crítica da magnífica obra de P. Descarte e reflito: o que fazer, meu caro Quixote, quando você é o único que enxerga, de fato, o moinho?